

---

## Conflitos e narrativas em torno do lançamento do álbum *Cartola (1974)*: imprensa, história e memória<sup>1</sup>

Matheus Lobo PISMEL<sup>2</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

**RESUMO:** Presente em trabalhos acadêmicos e reportagens, há uma narrativa do produtor musical João Carlos Botetzelli, o Pelão, que atribui o lançamento do disco *Cartola (1974)*, pelo selo Marcus Pereira, a uma matéria elogiosa do crítico Maurício Kubrusly, no *Jornal da Tarde*. Tal texto teria desengavetado as gravações, que não teriam passado no crivo do dono da gravadora. Investigar a existência de tal matéria e extrair reflexões sobre história e memória da imprensa e da música brasileira foi o trabalho aqui realizado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pelão; Marcus Pereira; Maurício Kubrusly; história e memória; jornalismo e música.

### Introdução

Em 2024, um dos álbuns mais importantes da história da música brasileira completa cinco décadas: *Cartola (1974)*. Fundador da Estação Primeira de Mangueira, Angenor de Oliveira estreou em disco pela pequena gravadora Marcus Pereira, aos 65 anos de idade. Com canções como *Corra e Olha o Céu*, *O Sol Nascerá* e *Quem me Vê Sorrindo*, *Cartola (1974)* foi sucesso de crítica e público e alavancou a carreira do veterano sambista, que lançaria seu segundo LP, também homônimo, dois anos depois.

A produção musical de *Cartola (1974)* ficou a cargo do paulista João Carlos Botetzelli, o Pelão, que já havia sido responsável pelas gravações de Nelson Cavaquinho e Adoniran Barbosa, pela Odeon, no ano anterior. Para o disco de *Cartola*, porém, Pelão recebia apenas negativas da indústria fonográfica. Quem acolheu o projeto foi a pequena e jovem gravadora Marcus Pereira, do publicitário de mesmo nome em sociedade com o jornalista Aluizio Falcão.

*Cartola* gravou seu disco de estreia em 20 e 21 de fevereiro e 16 e 17 março de 1974 nos estúdios da RCA no Rio de Janeiro. O lançamento foi no início de junho. É neste intervalo que se instala uma controvérsia. Segundo a narrativa de Pelão, as músicas teriam desagradado Marcus Pereira, que teria até comparado o som da cuíca a latidos de cachorro. O disco só teria sido lançado graças a uma matéria publicada por Maurício Kubrusly no *Jornal da Tarde (JT)*, em que estaria escrita: “Está gravado o melhor disco do ano” (Magossi, 2013; Piccolotto, 2016; Campos Júnior, 2020, p. 41).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, e-mail: matheuslobopismel@gmail.com.

---

O produtor musical teria ido à redação jornal para entregar as fitas da gravação a seu amigo Alberto Helena Jr., que, porém, estava viajando. O encontro com Kubrusly, responsável pela coluna “Música Popular”, teria sido casual. Admirador de Cartola, o crítico nem teria ouvido as fitas antes de publicar a matéria, a fim de contribuir no destravamento do processo. Conforme Magossi (2013, p. 58) Kubrusly chegou a dar depoimento confirmando a história. Aluizio Falcão, sócio de Marcus Pereira, contatado para fins desta pesquisa, também reafirmou a narrativa de Pelão.

Ocorre que, além de o recorte ou a transcrição da tal texto estarem ausentes dos trabalhos acadêmicos e das reportagens em que Pelão fala sobre o caso, tal relato tampouco é confirmado por biografias de Cartola (Silva; Oliveira Filho, 1983; Moura, 1988; Monteiro, 2012). Na verdade, tanto Moura (1988) quanto Silva e Oliveira Filho (1983) destacam uma declaração do sambista a *O Globo*, na ocasião de lançamento do segundo disco, em 1976, também pela Marcus Pereira, que vai no sentido contrário.

— Quando a ideia do elepê [de 1974] surgiu, achei impossível o Marcus Pereira topar. As fábricas não queriam nada comigo. Eu já tinha tentado, e sempre diziam: “Cartola não vende”. Aí o Marcus Pereira fechou os olhos e disse: “Vamos gravar!” Foi emocionante. Uma coisa de louco. O dia que ele telefonou e disse “depois de amanhã vamos gravar”, eu pensei: “Não é possível” (Pacheco, 1976, p. 23).

Contatada, a pesquisadora Nilcemar Nogueira, neta de Zica e Cartola, afirmou desconhecer a versão de Pelão. Luciana Pereira, filha de Marcus, rechaçou a narrativa. Diante do conflito de versões e da falta de registros factuais, decidi pesquisar os arquivos do *JT* no Arquivo Público do Estado de São Paulo (Apesp), além de biografias e outras publicações digitalizados pela Hemeroteca Digital Brasileira (HDB) que pudessem ser fontes complementares.

A justificativa acadêmica para tal empreitada se sustenta por duas vias. A primeira diz respeito à lógica de produção de acontecimentos, por parte do jornalismo, na relação entre fonte e profissional, que foi estruturante da música popular no século passado. Quer dizer, mesmo que a versão de Pelão não seja tão precisa ou verdadeira, subsiste na narrativa a ideia de que uma nota de jornal pode fazer uma gravadora mudar de ideia e lançar determinado disco engavetado. A segunda diz respeito justamente às disputas de narrativa em torno da memória da imprensa e da música brasileira, bem como seus entrelaçamentos. Tais conflitos levantam uma série de problemáticas para a pesquisa histórica e exige a permanente crítica das fontes.

## Metodologia

A metodologia da pesquisa se sustentou pela investigação histórica. O acervo físico do *JT*, disponível no Apesp, foi a principal fonte, em uma consulta no dia 20 de abril de 2023. Considerando as datas de gravação de *Cartola (1974)*, foram separados os jornais dos meses de fevereiro a junho de 1974. Também foram feitas buscas nominativas em publicações digitalizadas pela HDB, além da consulta a biografias e trabalhos acadêmicos, como fontes complementares.

Seguindo a abordagem de Barbosa (2010), procurei enxergar a imprensa mais como centro reflexivo do qual emergem os problemas, e menos como simples fonte empírica. Também levei em conta a distinção conceitual proposta por Rosenthal (2014) entre histórias de vida vivenciadas, recordadas e narradas, considerando que não há um estoque de memórias fixas e estáveis que são acessadas por quem recorda e narra. Ao contrário, o presente da narração define o olhar retrospectivo do passado,.

## Resultados

Em 29 de abril de 1974, a coluna “Música Popular” do *JT*, publicou: “Mestre Cartola gravou. Finalmente”. A matéria não está assinada e nem indica que “foi gravado o melhor disco do ano”. Era uma edição de segunda-feira, e não de sábado, como Pelão costumava contar, mas há uma série de indícios que sustentam a hipótese de se tratar da matéria de Kubrusly. Em primeiro lugar, a data: pouco mais de um mês após o término das gravações e pouco mais de um mês antes do fatídico lançamento.

Em segundo, o tom de “furo” jornalístico, para além do título. O texto indicava dia 10 de maio como data de lançamento, o que não ocorreu, entretanto, no último parágrafo, anunciava: “Mas ninguém precisa esperar até o dia 10 para ouvir as músicas. A rádio Eldorado já está incluindo em sua programação, **com exclusividade**, a fita do primeiro LP do ‘velho’ Cartola” (Mestre..., 1974, p. 30, grifo nosso).

Outro indício está no destaque a Pelão. Há uma declaração do produtor logo no início do texto: “— O que eu quero é pegar os compositores que fizeram, realmente, coisas de valor pela música brasileira”. Em seguida, a coluna discorre sobre os trabalhos anteriores com Nelson Cavaquinho e Adoniran Barbosa. Não há nenhuma menção à gravadora Marcus Pereira, o que contrasta com a citação expressa à Odeon.

---

Devido a algumas poucas lacunas no acervo do *JT*, pode ser precipitado cravar, com certeza, que seja realmente o texto tão falado por Pelão. Infelizmente, não foi possível realizar a pesquisa a tempo de apresentar o recorte a ele, que faleceu em 2021. Nem a Maurício Kubrusly, incontactável por motivos de saúde, e nem a Marcus Pereira, que se suicidou em 1981, aos 50 anos de idade.

O tom da matéria não é grandiloquente como na narrativa de Pelão. Não se fala em “melhor disco do ano”, não é assinada e o próprio espaço na diagramação é pequeno: 1/9 de uma página repleta de anúncios e classificados. Teria sido o suficiente para convencer Marcus Pereira (caso ele estivesse descrente do disco)? Pelão se confundiu ou exagerou para alfinetar o dono da gravadora? Enfim, como separar as dimensões do vivido, do recordado e narrado neste caso? Cinquenta anos depois, há perguntas que dificilmente serão respondidas.

Para contextualizar um pouco mais, resta indicar um acontecimento que pode estar relacionado aos insistentes comentários negativos de Pelão sobre Pereira ao longo da vida, principalmente quando o assunto é *Cartola (1974)*. Menos de um ano após o lançamento, Aluizio Falcão e Marcus Pereira tiveram uma briga que resultou no fim da sociedade, que já enfrentava problemas financeiros. O estopim do desentendimento foi uma carta de funcionários reclamando de atraso de salários. Após Falcão deixar a empresa, Pelão também decidiu se retirar (Picolotto, 2016, p. 40).

Falcão e Pereira haviam se conhecido em 1964, por intermédio de Miguel Arraes. Militante da cultura popular em Recife, Falcão buscava sair da terra natal para escapar da repressão da ditadura recém instaurada quando recebeu o chamado de Pereira, amigo de Arraes, para trabalhar como redator em São Paulo. Um ano depois, Pereira convidou o jornalista para se tornar seu sócio e diretor de criação da agência.

A gravadora Marcus Pereira nasceu após a realização de projetos musicais dentro da própria agência de publicidade. No fim de 1973, formalizado o selo fonográfico, anunciaram os primeiros discos à venda: *Música Popular do Nordeste*. Já no ano seguinte, foram lançados outros 23 LPs, incluindo *Cartola (1974)*. O rompimento, no início de 1975, cortaria para sempre a relação entre os dois.

Parte das discussões em torno do conflito foi encontrada na edição 374 de *O Pasquim*, de 27 de agosto a 2 de setembro de 1976. Nela, Pelão é entrevistado por Jaguar, Sérgio Cabral, Tárík de Souza e Aldir Blanc. Perguntado sobre o motivo de sua saída, o produtor respondeu: “Saí mais em solidariedade ao Aloísio. Eu ia sair, antes,

---

quando o Aloísio falou: ‘Segura aí, tudo vai melhorar. O projeto já foi aprovado’. [...] Mas o meu problema não era dinheiro. Quando fiz o disco do Cartola levei pro Marcus e ele falou: ‘Mas isso é ridículo’” (Pelão..., 1976, p. 6).

Pelão complementou: “Embora sendo sócio, tudo que o Aloísio quisesse conseguir tinha que ter uma discussão com ele [Pereira] — O negócio dele é tomar seus uísques e falar que descobriu Martinho da Vila. Hoje em dia chega a falar que foi buscar o Cartola lá na Mangueira”. Aldir Blanc ainda relatou que “existe uma frase famosa nos botecos de São Paulo afirmando que tudo isso que credita-se ao Marcus Pereira, na verdade, deve-se ao Aloísio Falcão” (Pelão..., 1976, p. 6). Jaguar defendeu Pereira. Sérgio Cabral e Tárík de Souza contemporizaram até mudarem de assunto.

Duas edições depois veio a resposta de Marcus Pereira nas “Cartas cruzadas” de *O Pasquim*: “Tudo que foi dito a meu respeito ou a respeito da empresa que dirijo é falso, [...] tenho documentos no meu arquivo que provam, à exaustão, o que estou afirmando”. Sobre o rompimento, afirmou que: “Quando o entrevistado e meu ex-sócio deixaram a empresa, sua situação era difícilima. [...] Eu não tinha mais a quem pedir dinheiro emprestado, recorri até a pessoas estranhas, pedindo em nome da importância do trabalho. Meu ex-sócio desligou-se da empresa e foi liberado das responsabilidades nas suas enormes dívidas” (Pereira, 1976, p. 18). Na mesma edição, Carolina Andrade, Leda Alves, Hermilo Borba Filho também enviaram cartas em defesa a Pereira.

### **Considerações finais**

A presente pesquisa é um desdobramento colateral de pesquisa de tese de doutorado, de abordagem histórica, sobre os jornalistas do samba. O lançamento do disco de Cartola chamou a atenção por ser um dos casos em que o entrelaçamento entre agentes da música e da imprensa é evidente e, devido a criação de um acontecimento, se torna significativo em termos históricos. A questão é explorada em Pismel (2022).

Por não encontrar o texto de Kubrusly nas fontes secundárias que o citavam, decidi investigar o acervo do *JT*. Tive como pressuposto que uma pesquisa científica deve questionar a transparência das narrativas que envolvem seu objeto, conforme discutido em Pismel (2023). Ao me aprofundar, veio à tona a disputa de versões e os conflitos. Tal contexto ajuda a explicar as condições de produção das narrativas que ficaram cristalizadas devido à reprodução em trabalhos acadêmicos e jornalísticos.

---

Não se trata de descartar narrativas pessoais como essa (e nem de escolher um lado na história Pelão/Falcão x Marcus Pereira), mas sim de demonstrar que podem ser melhor analisadas por pesquisas que se pretendam históricas. O lançamento de *Cartola (1974)* é apenas um dos tantos casos da história da música popular e da imprensa sustentados por narrativas de vida. Questioná-las é contribuir com tal história.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. Múltiplas formas de contar uma história. *Alceu (PUCRJ)*, v. 20, 2010.
- CAMPOS JÚNIOR, C. **Pelão**: a revolução pela música. São Paulo: Garoa Livros, 2020.
- MAGOSSI, J. E. G. **O folclore na indústria fonográfica**: a trajetória da Discos Marcus Pereira. 2013. São Paulo: Dissertação (Mestrado) do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- MESTRE Cartola gravou. Finalmente. **Jornal da Tarde**. São Paulo, n. 2.558, ano 9, p. 30, 29 abr. 1974.
- MONTEIRO, D. **Divino Cartola**: uma vida em verde e rosa. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.
- MOURA, R. **Cartola**: todo tempo que eu viver. Rio de Janeiro: Corisco, 1988.
- PACHECO, T. Cartola: aos 68 anos o segundo elepê. **O Globo**. Rio de Janeiro, n. 15.531, ano LI, p. 23, 16 abr. 1976.
- PELÃO, um branco de alma preta. **O Pasquim**. Rio de Janeiro, n. 374, ano VIII, p. 6, 27 ago. - 2 de set. 1976.
- PEREIRA, M. Marcus Pereira e cia. contra Pelão. Cartas cruzadas. **O Pasquim**. Rio de Janeiro, n. 376, ano VIII p. 18, 10 set. - 16 set. 1976.
- PICOLOTTO, A. **Discos Marcus Pereira**: uma história musical do Brasil. Florianópolis: Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.
- PISMEL, M. L.. **O acontecimento e as fontes de informação no jornalismo cultural**: dois casos históricos do samba como pauta. Anais do 20º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Fortaleza, 2022.
- PISMEL, M. L. Considerações teórico-metodológicas sobre memória e narrativa na pesquisa histórica dos “repórteres do samba”. **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, v. 10, n. 2, p. 51–68, 2023.
- ROSENTHAL, G. História de vida vivenciada e história de vida narrada: a interrelação entre experiência, recordar e narrar. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 14, n. 2, 2014.
- SILVA, M. T. B.; OLIVEIRA FILHO, A. L.. **Cartola**: os tempos idos. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.